

REVISTA LITTERARIA

Publicação semanal

DIRECÇÃO DE AMADEU AMARAL E MAXIMO PINHEIRO LIMA

Secretario: — LUIZ CARNEIRO

Collabo da pelas poetisas D. Zalina Rolim e D. Francisca Julia da Silva;
 escriptores e poetas: Escragnolle Doria, Garcia Redondo, Armando Erse, Julio Cesar da Silva, Furtado Filho, Hyppolito de Camargo,
 Candido de Carvalho, Antonio Carlos, Valdomiro da Silveira, Henrique de Barcellos,
 Americo de Campos Sobrinho, Wenceslau de Queiroz, João d'Amaya, Ricardo Moreno, Manoel Viotti, Norberto de Castro, Eduardo Chaves,
 Pinheiro da Cunha, Antonio de Oliveira, Carlos Fernandes, Leonardo Leoni, S. Nunes, Heitor Telles e muitos outros.

Redacção: — RUA LIBERO BADARÓ, 71 e 73

S. Paulo, 24 de Março de 1895.

Secção util

Monte Alto de Jaboticabal

Logar onde as terras são arenatas na maior parte, porém somente na superficie, tendo uma camada de *massapé*, esplendido elemento para dar ao cafeeiro rapido desenvolvimento e abundancia de fructos.

Lá vimos dois galhos de café, um de arvore de quatro annos, outro de tres, tendo o primeiro 22 rosetas e o segundo 11, todos em cereja.

Sua lavoura já bastante adiantada, teve o anno passado uma safra de 45,000 arrobas e este anno é calculada em 80.000.

Entre as fazendas importantes, destacaremos a dos Snrs. Tenente Coronel Hereulano Bueno do Livramento, Capitão Jorge Dias de Aguiar, Salvino Soares de Camargo, Gabriel Gatti, Dr. Jesuino Cardoso, Antonio Jesuino de Medeiros, Manoel Alves dos Santos, Manoel Francisco do Rego, Capitão Joaquim Gomes de Oliveira e Dr. Carlos Sampaio.

E a lavoura da uberrimo Monte Alto, não se tem desenvolvido mais, pela difficuldade de transporte, obstaculo que pode ser demolido, com lucro, pela *Companhia*

Paulista, se esta quizer fazer um ramal, antes de que os particulares se lembrem disso, e depois ella tenha de compral-o, nas condições em que foi feita a compra da *Rio Claro*.

A' directoria da *Paulista*, ao Governo do Estado e aos lavradores pedimos que lancem seus olhos para o futuro local.

J. PAULISTA.

Escola Militar

GRANDE BOMBARDEIO !

71 mortos e 73 feridos !

A noticia assim rubricada, e publicada por um dos jornaes do Rio, não tem o menor viso de verdade. E' inteiramente falsa, e é apenas notavel serem os numeros 71 e 73 os da Typographia Paulista, á rua S. José, nesta cidade.

Partido Republicano

Realizando-se hoje a eleição para o directorio municipal do partido republicano, consta-nos que os candidatos eleitos offerecerão um calix do excellente cognac *Marsaud*, cujos unicos importadores são os Snrs. *F. J. Pimentel & Cia.*, rua da Estação, 51 A.

Custodio de Mello

Consta, que o Almirante Custodio de Mello está seguro na *New-York Life*, e que se tivesse morrido na revolta naval de que

foi chefe, sua familia teria recebido uma enorme fortuna. A proposito: a agencia da *New-York Life*, nesta capital é a rua 15 de Novembro, 34.

Apanhados

Em frente ao *Londres*;

— Olá! Como estás gordo, Jorge!

Estivestes na roça, homem, ou andas fazendo uso da Quina França Pinto?

— Nada disso. Sómente bebo vinho da casa dos Pacheco Irmãos, e eis o motivo porque me vês tão bem disposto.

— Onde é essa casa?

— A' rua da Boa Vista, 17.

— Quando a gente começa a reflectir em cousas tristes, que se póde morrer de repente, por exemplo, o que se deve fazer?

— Ir direitinho á rua 15 de Novembro, 34, fazer um seguro na *New-York*, para garantir a familia, e depois comprar uma garrafa do celebre cognac *Marsaud*, na rua da Estação, 51 A, para pensar em cousas alegres.

F. RECLAME.

ANNUNCIOS



Ao Chic Paulistano

ALFAIATARIA ESPECIAL

Oliveira & França

Especialidade em casacas

50 A, Rua da Boa Vista, 50 A

Dr. M. P. de Siqueira Campos

Advogado

Tem o seu escriptorio á rua 15 de Novembro n. 37
Sobrado

Dr. Luiz de Toledo Piza e Almeida

Advogado

Incumbe-se de appellações e causas
criminaes

10 — Travessa dos Guyanazes — 10

Collegio S. Paulo e Minas

41 Rua da Moóca, 41

Internato e Externato

Director

DIONYSIO CAIO DA FONSECA



Enviem-se prospectos ás pessoas
que solicitarem.

Casa Levy

INSTRUMENTOS

PARA

BANDAS

dos melhores

⇒ **AUCTORES**

CASA LEVY

33 - Rua 15 de Novembro - 33



SELLOS

PARA

COLLECÇÕES

Legitimos



Legitimos

Enorme quantidade para escolha!

CASA LEVY

33 — Rua 15 de Novembro — 33

Typographia Paulista

Casa Editora



Grandes officinas a vapor

de

Pautação, encadernação e douração

Objectos de escriptorio — Carimbos de

borracha

Grande deposito de saccos de papel

Rua Libero Badaró, ns. 71 e 73

S. PAULO

Charutaria Americana

José Caruso

52 — Rua 15 de Novembro — 52

Os especiaes cigarros

Deliciosos e Castro Alves

manufatura da casa

Emprestimos á lavoura

Encarrega-se de levantar empréstimos
bancarios a longo praso e juro modico,

JOÃO DE ARRUDA LEITE PENTEADO

3 A, rua da Boa Vista, 3 A

Pelo Dr. Garcia Redondo

CARICIAS

Preço 4\$000

Á venda nas livrarias Garraux, Laemmert e

Casa Levy

Revista Litteraria

PUBLICAÇÃO SEMANAL



S. Paulo, 24 de Março de 1895.

Direcção de Amadeu Amaral e Maximo Pinheiro Lima

Secretario: — Luiz Carneiro

SUMMARIO

Chronica	FIRMO PENHA.
Versos de Stecchetti	CARLOS COELHO.
Lucy Sourire	ESCRAGNOLLE DORIA.
Outroza e agora	AMADEU AMARAL.
O sineiro (excerpto)	MANOEL LEQUE.
A minha Mãe	ANTONIO DE OLIVEIRA.
Carta	JALP.
« Marmores »	FREITAS GUIMARÃES.
Problemas a premio	COCISFRAN.
Platéas	LUDOVICUS.
Expediente	
Noticias intercaladas	

CHRONICA

Uma destas manhãs, sentado na minha preguiçosa do varandim guirlandado de jasmineiros — aquelle! — lia eu num elegante livrinho bizarro, *Collection Lemerre*, um pequeno trabalho de André Therient, *Rose Lise*, a tirar com delicia as fumaçadas brandas dum havano claro, o espirito todo voltado para coisas leves, esperando e quasi anhelando acabar um capitulo para ir vagar nas aleas do jardim, á luz da manhã fresca e sonora, debaixo de ramadas curvas, seivosas, folhudas, pompeando em flores como lucos mythologicos.

De repente, após um tilintar de cincerros pela encosta visinha acima e dum tropel de vaccas que voltavam da cidade, entra-me pelo portão um plebeu robusto de grenha hirsuta e barba emmaranhada, ilhéu e leiteiro, carregando nos braços possantes e brutaes uma criança franzina, loura, pallida, macerada por doença e por intemperies.

— Ah! sê doutor! olhe só p'ra isto! A desgraça que anda nesta terra! — E parou de andar e de fallar, gaguejando.

— Mas então que é que ha?

— Esta provesinha de Christo, sê doutor. Esta menina, doente a metter dó, que encontrei lá abaixo, perto daquella auga lá abaixo, cahida p'r'ó chão, coitada! Nem se podia ter em

pé, não sei qu'é que lhe deu, chorava que era mesmo dum homem... Ah! sê...

— E o senhor?

— Eu peguei nella e trouxe... Sê doutor não podia...?

E, em pé á base da escada do varandim, onde largara a criança, revirava a aba do chapéu nas mãos, irresoluto, com uma cara sincera e boa. E concluiu á pressa:

— Sê doutor não podia tomar conta nella, dar um remedio p'ra i ella, a coitadinha? Eu, o senhor sabe, não tenho nem bem p'rá comida...

A criança, cançada e chorosa, muito branca, fitando com desolação os olhos azues no espaço, era como um jasmim que a chuva derruba na lama, pisando-lhe as petalas alvas. Perguntada, contou que era filha de pobres, "que moravam longe, lá na cidade." E poz o olhar no chão, querendo chorar. Inquerida ainda, contou que se perdera quando a esmolar e que a noite a colhera distante de casa, num arrabalde deserto; que quiz bater a uma porta, mas teve medo do cão que ladrava no jardim. E rompeu num pranto frouxo, transida de desolação.

Soceguei-a, fil-a entrar, e despedi o leiteiro.

A manhã, dum céo claro e alegre, clareava com alegria a paizagem, refrangendo raios de sol na superficie das aguas e no orvalho das folhas, numa apothese vibrante de vida e força, numa festividade sonorizada de trinos e sussurros de galhos folhudos. Perto, num tenda de ferreiro, soavam repiques concisos e vibrantes, descarregados sobre a bigorna com duas marteletas mourejadoras, pondo no ar a nota ferrea da saúde e da independencia:

E uma criança bella, a mendigastinha loura de olhos azues, fraquejava agoniada e só, — emquanto a seiva cantava na vegetação, abrindo flôres lascivas e redolentes...

A mendigagem nesta cidade cresce, torna-se uma instituição, apegase-nos aos habitos, identifica-se com os nossos costumes.

Revista Litteraria

PUBLICAÇÃO SEMANAL



S. Paulo, 24 de Março de 1895.

Direcção de Amadeu Amaral e Maximo Pinheiro Lima

Secretario: — Luiz Carneiro

SUMMARIO

Chronica	FIRMO PENHA.
Versos de Stecchetti	CARLOS COELHO.
Lucy Sourire	ESCRAGNOLLE DORIA.
Outroza e agora	AMADEU AMARAL.
O sineiro (excerpto)	MANOEL LEQUE.
A minha Mãe	ANTONIO DE OLIVEIRA.
Carta	JALP.
« Marmores »	FREITAS GUIMARÃES.
Problemas a premio	COCISFRAN.
Platéas	LUDOVICUS.
Expediente	
Noticias intercaladas	

CHRONICA

Uma destas manhãs, sentado na minha preguiçosa do varandim guirlandado de jasmineiros — aquelle! — lia eu num elegante livrinho bizarro, *Collection Lemerre*, um pequeno trabalho de André Therieut, *Rose Lise*, a tirar com delicia as fumaçadas brandas dum havano claro, o espirito todo voltado para coisas leves, esperando e quasi anhelando acabar um capitulo para ir vagar nas aleas do jardim, á luz da manhã fresca e sonora, debaixo de ramadas curvas, seivosas, folhudas, pompeando em flores como lucos mythologicos.

De repente, após um tilintar de cinerros pela encosta visinha acima e dum tropel de vacas que voltavam da cidade, entra-me pelo portão um plebeu robusto de grenha hirsuta e barba emmaranhada, ilhéo e leiteiro, carregando nos braços possantes e brutaes uma criança franzina, loura, pallida, macerada por doença e por intemperies.

— Ah! sê doutor! olhe só p'ra isto! A desgraça que anda nesta terra! — E parou de andar e de fallar, gaguejando.

— Mas então que é que ha?

— Esta provesinha de Christo, sê doutor. Esta menina, doente a metter dó, que encontrei lá abaixo, perto daquella auga lá abaixo, cahida p'r'ó chão, coitada! Nem se podia ter em

pé, não sei qu'é que lhe deu, chorava que era mesmo dum homem... Ah! sê...

— E o senhor?

— Eu peguei nella e trouxe... Sê doutor não podia...?

E, em pé á base da escada do varandim, onde largara a criança, revirava a aba do chapéu nas mãos, irresoluto, com uma cara sincera e boa. E concluiu á pressa:

— Sê doutor não podia tomar conta nella, dar um remedio p'ra i ella, a coitadinha? Eu, o senhor sabe, não tenho nem bem p'rá comida...

A criança, cançada e chorosa, muito branca, fitando com desolação os olhos azues no espaço, era como um jasmim que a chuva derruba na lama, pisando-lhe as petalas alvas. Perguntada, contou que era filha de pobres, "que moravam longe, lá na cidade." E poz o olhar no chão, querendo chorar. Inquerida ainda, contou que se perdera quando a esmolar e que a noite a colhera distante de casa, num arrabalde deserto; que quiz bater a uma porta, mas teve medo do cão que ladrava no jardim. E rompeu num pranto frouxo, transida de desolação.

Soceguei-a, fil-a entrar, e despedi o leiteiro.

A manhã, dum céo claro e alegre, clareava com alegria a paisagem, refrangendo raios de sol na superficie das aguas e no orvalho das folhas, numa apothese vibrante de vida e força, numa festividade sonorizada de trinos e sussurros de galhos folhudos. Perto, num tenda de ferreiro, soavam repiques concisos e vibrantes, descarregados sobre a bigorna com duas marteletas mourejadoras, pondo no ar a nota ferrea da saúde e da independencia:

E uma criança bella, a mendigastinha loura de olhos azues, fraquejava agoniada e só, — emquanto a seiva cantava na vegetação, abrindo flôres lascivas e redolentes...

A mendigagem nesta cidade cresce, torna-se uma instituição, apega-se-nos aos habitos, identifica-se com os nossos costumes.

Megeras desgrenhadas, arrepanhando para o rosto uma theatral expressão de magua esfomeada, cantam-nos choramingas á porta, assaltam-nos na rua; latagões exploram um olho furado ou uma perna perdida, dando á manivella dum realejo ou peregrinando pelas ruas, de chapéu na mão, rosnando um peditorio miseravel; outros pedintes quedam-se nas vias mais frequentadas, expondo a perna núa de carne balofa e exangue, perra e fraca, ou rubra, polluida de ecchymoses e chagas a esvurmar...

Tenho horror a tanta multidão de miseraveis, atirados pelo egoismo dos homens á sua reclusão, intensamente commovedora, de refugos sociaes. A basta confraria da desgraça continuamente nos azoia os ouvidos com a symphonia negra, engurgitada de rancores surdos, alquebrada de desolações, da sua irremediavel e repugnante miseria...

E a bojante enxurrada que se derramou por nossa terra espraia-se, arremessa-se, cresce.

Mas um mendigosinho de seis annos, de carinha fresca e olhos intelligentes, asseiado e gracioso, dá vontade á gente de lhe dar uma moedasilha bonita, para o ver, como num quadro de Homenholtz, que conheço, rindo muito, dentinhos á mostra, mirando o disco luzente da prata cunhada de fresco, sonora, aspera de serrilha.

E foi assim que sympathizei com a menina loura que me appareceu; e, quando a deixei ir, tive desejo de lhe dar todo um saquinho de velludo cheio de moedas, para a vêr correndo encosta abaixo, casquinando risadas e chocalhando a bolsa, alva na transparencia quente da luz.

Depois, voltei á preguiçosa, tomei do livro, e aquella historieta pariziense, em que se percebe o pique do amor livre, teve para mim um sabor especial, vagamente enflorada pela idealisação de raparigas novas e louras, espiçadas, carne mordida de luz mautina, rosto illuminado por um sorriso fino, doce, requintado, artistico.

Ha de dizer-me agora o leitor: « mas que tenho eu com toda esta *historia* do sr. Firmo Penha? Fallasse, por exemplo, do anarchismo, das discussões pela imprensa, do lyrico, do diabo que o carregue! »

Mas eu é que não gosto de cingir-me a occurencias pifias de semana, recalçando em factos com que o jornalismo diario já empan-turrou o publico durante os sete dias.

Demais, não tenho culpa de que me aqui viessem, a este meu longinquo retiro, atirar aos hombros a obrigação de escrever para a *Revista*.

FIRMO PENHA.

Nossos assignantes de S. Carlos do Pinhal, segundo carta do nosso amigo e correspondente naquella cidade, não receberam os ns. 3, 4 e 5 da *Revista*, os quaes, como de costume, foram remettidos pelo correio pontualmente.

Essa repartição move a esta folha, que carece do apoio de todos, uma guerra tremenda, em que nós somos os unicos a perder.

Nesta capital, como ja tivemos occasião de dizer d'aqui mesmo ao sr. coronel Ferreira da Costa, chove-nos reclamações sobre a remessa da folha, que, por nós, é feita como deve ser.

Decididamente temos que clamar no deserto?

O sr. Alvaro de Teffé, correspondente do importante jornal *Independance Belge*, e residente á rua da Abolição, 1, enviou-nos um cartão de cumprimentos, que agradecemos.

Chegou ha dias de Sorocaba o joven Antonio de Oliveira, trazendo uma porção grande de illusões e o seu livro de versos.

Visitou-nos, deu-nos dois dedos daquella sua prosa melancholica, e offertou-nos um exemplar das *Brumas*, um elegante livrinho que honra a typographia Dursky, la de sua terra.

Havemos de dizer algo da estréa do distinctissimo rapaz.

VERSOS DE STECCHETTI

*Quando, ao cahir das folhas, triste fôres
buscar ao cemiterio a minha cruz,
has de encontral-a num recanto, e flores
em derredor terão nascido a flux.*

*Colhe essas pobres flores com meiguice,
porque nasceram no meu coração;
prende-as aos loiros e gentis cabellos,
não as desprezes, por piedade! — São*

*os cantos que ideiei sem escrevel-os,
as palavras de amor que te não disse.*

CARLOS CORLHO.

LUCY SOURIRE

« Como, pois não conversou com a minha cara Lucy? » dizia-me a baroneza de Villa-Flôr, moreninha trefega, buliçosa, de formas robustas, uma falladora de primeira ordem. « Que imperdoavel falta! Affirmam que é cheia de caprichos, exquisita, doente dos nervos. Não acredite em tal, defino-a com a palavra artista. Está tudo explicado, não? »

« De certo, minha senhora, tem por isso direito a todas as contemplações ».

« Francamente, as outras não gostam della porque a sentem superior a ellas, uma natureza graciosa e bôa, rica das seducções do espirito. Não admittimos perfeição entre as nossas ».

« Pensei só Schopenhauer fallasse assim. »

« Quer a minha opinião? Os seus philosophos, quanto a nós, por vezes podem ser exaggerados, mas no fundo têm carradas de razão. »

« Que negro pessimismo! »

« Aceitará um conselho sincero? Vale mais a pena desejar-nos que nos amar, creia ».

« Mas então a amiga de vossa excellencia... »

« Ah! Lucy! Viajou muito. Conhece a Europa a palmos. Morou oito annos em Athenas quando o pae era nosso consul ahi. Casou com um diplomata nosso tambem, um fatuo pretencioso que vive a citar livros, um homem-bibliotheca. Está quasi sempre fóra. Deixa-lhe todo o tempo livre. Pobre Lucy e não é feliz. »

« Prendada como nem faz idéa. Ainda não a ouviu cantar, aposto. Um rouxinol. Mas ahi vem ella, nem de proposito » ...

Approximou-se de nós uma esplendida mulher, Juno aristocratica trajada á ultima moda. Era alva de leite, tinha um collo lacteotrememente, dentes soberbos, olhos bonitos e expressivos. Trazia um riquissimo vestido. No penteado á grega scintillava um crescente de diamantes; luvas de *suède blé* modelavam as suas mãosinhas gorduchas; pendia-lhe do lado um grande leque de pennas roseas; um broche de brilhantes, junto aos seios, luzia como luminoso insecto meio occulto n'um jardim de lyrios.

Sentou-se perto de mim. « Que calor, Lucy! » observava a baroneza. « Tambem hoje não dansei. » « Fiz o contrario, o meu charibél está carregadinho de nomes » ...

Estendeu logo a carteira de marfim á amiga. A baroneza apoderou-se della a rir: « Primeiro par... vejamos... Priesttey... Mas é o noivo de Rosina... Deve arder de raiva. Pisaste n'um ninho de cobras. Não

sabes que até tem ciumes da irmã? Parece incrível, com aquelles olhinhos chinezes... »

« Suzanna », murmurou Madame Lucy em tom de exprobação.

A baronezinha nada ouvia, continuava com volubilidade:

Não dansaria com o teu par da segunda polka. Um pedaço de gelo e com pretensões a poeta quando não passa de um eterno pedinte do Parnaso.

« Que exaggerada me estás ficando... »

« Lucy, já reparaste no vestido da Rebecca? Veste-se bem agora. Vi-a no theatro lyrico, na ultima récita da «Aída», com um chapéu *vieux rouge*, um primor. Quem diria, hein? Antes de casar—lembras-te?—que *toilettes* anti-diluvianas. »

Quedei-me largo tempo silencioso a ouvir a conversa das duas senhoras, uma d'essas palestras femininas *sotto voce*, adoraveis, curiosas para o observador, sem unidade alguma, cheias de saltos bruscos, em que cabriola o methodo como excentrico jogral em tapete de circo.

A dona da casa improvisou um concerto. A baroneza, languida, melancolisando os olhos, tocou um *scherzo* de Chopin. Pediram a Madame Lucy para cantar. Encaminhou-se para o piano sem se fazer de rogada. Um mocinho louro, timido, pianista emerito, Cherubim-Lizt, correu as mãos pelo teclado, indireitou as mechas dos cabellos recalitrantes e logo após a vóz da mulher do diplomata vibrou quente, doce, apaixonada.

Cantou uma mimosa cançoneta, em francez, com uma lettra linda, commovedora. Era a singela historia de um menino que a mãe costumava levar ao circo. Sempre e sempre lá estava o pequerrucho a applaudir o palhaço, de carinha afogueada, as louras madeixas esparsas sobre o collarinho gommoso e alvo. Mas um dia elle cae doente, o pequeno. Vem o medico. Pede-lhe o innocente o seu palhaço, *celui qui me fait tant rire*. Foi chamado o clown. Acabára de findar o espectaculo, ainda não se despira. Com a cara caçada, de carapuça ponteguda e vermelhão nas faces, entrou o aposento do amiguinho. Roga-lhe a criança de fazela rir, rir, rir. Commove-se só o pobre diabo e o anjinho exhala o ultimo alento a fital-o, a saudal-o n'um sorriso derradeiro, *dans un dernier sourire!*

Que poema de indizivel tristeza não era essa poesia perfumada pelo timbre sonóro da vóz de Madame Lucy!

Quando terminou, echoaram no salão entusiasticas palmas, admirativos bravos. Modestamente se furtou ás ovações. Analysavam-na as mulheres, miravam-na os homens. Sentou-

se Lucy por acaso perto de mim. Não tardou a chegar a trefega baroneza de Villa-Flôr.

«Então que successo, querida! Só se falla em ti... Viste o jardim illuminado á chineza? Com o luar está lindo, lindo. Oh! e o caramanchãosinho junto ao viveiro! A luz assusta os passaros, uns voam assustados, outros cantam sonhando. Deve ser muito bonito o sonho de um passaro. Aquella musica, aquella verdura... a gente crê estar dentro de um ninho...»

«Que estouvada! observou Madame Lucy, rindo. Cabecinha de vento.»

No correr da conversa a senhora do diplomata revelou-se mulher de fino trato, discreitando sem arrogancia, satyrisando-se até ás vezes. A baroneza, a proposito de uma exigencia da móda, lembrou Pariz.

«Oh! que saudades de Pariz!» exclamou Lucy. «Do convento em que fui educada, das ruas, quasi já ia dizer do meu vestido de menina.»

«Onde se acha agora teu marido?» interrompeu a baroneza.

«Viajando, como sabes, em Lima.»

«Cuidado com as peruanas» e a louca Villa-Flôr desatou um rir de perolas, em quanto Madame Lucy dava o braço ao secretario da legação belga, que pedia a honra da quinta valsa.

Uma semana depois, levou-me a baroneza de Villa-Flôr á casa de Madame Lucy.

Entramos num salão elegante mobiliado com luxo. Nas portas grandes reposteiros encarnados; nas janellas, de encontro á luz, cortinas japonezas, tenues, tremulas, bullentas de leve, desenhavam uma paizagem exotica e o vôo das cigarras diante de um bonzo em extase. N'um cavallete um quadro a oleo, bella copia da «Ronda Nocturna» de Rembrandt. Dentro de enormes vasos palmeirasinhas empinavam o leque das folhas; pelles de urso negro tapisavam o chão.

Madame Lucy não tardou a apparecer. Apenas nos sentavamos, correu, pela sala a dentro, um menino de seus seis annos, que parou envergonhado, de olhos baixos.

«Vem cá, Yvan» chamou a mãe.

O pequeno aproximou-se desconfiado.

«Anda aqui, travesso» disse a baroneza, cobrindo-o de beijos. «Isto é um peralta, vive a puxar o rabo aos gatos e a perseguir os gansos no jardim.»

Madame Lucy tentou desculpal-o; elle era muito franzino, creára-se sempre acatitado, demonstrando intelligencia precoce.

«Será um artista» observei.

No rosto de Madame Lucy perpassou fulmineo lampejo de alegria.

«Quanta tristeza n'esses grandes olhos, prosegui, parecem comprehender o horror da vida.»

Era com effeito Yvan um formoso menino. Muito claro, olhos pretos ensombrados por bastos cilios, tinha na phisionomia, feminina e meiga, o *quid* mysterioso, o sello ineludivel dos que morrem moços...

Pensei que não viveria muito e foi com um aperto de coração presago que me despedi da da mulher do diplomata.

As contingencias do viver afastaram-me de Lucy.

Annos depois, na Europa, á mesa de um hotel de Carlobad, encontrei uma senhora de cabellos brancos, que, ao ver-me entrar, estremeceu e apontou-me a um homem grisalho, de *pince-nez* de ouro, sentado perto della.

Adiantei-me, reconhecendo Madame Lucy. Apresentou-me ao marido, já ministro do Brazil em Vienna. Fallamos dos conhecidos, da baroneza de Villa-Flôr. Enviuvára a bôa baroneza, sempre a mesma, serviçal, amavel, mas d'um estouvamento...

«*Tête de linotte*, verdadeira *tête de linotte*», resmungou o diplomata.

E começou a discutir comigo politica europeá, desvaliando o imperador da Allemanha. Era moço demais, um pouco sonhador, ultramystico. Limara depressa as garras do velho leão Bismark. Oh! o equilibrio das forças sociaes de uma nação! Que força extranha e occulta essa que as guia ou perverte. Qual seria o fim do seculo? A Communa em Berlim e o nihilismo republicanizando Costantinopla?

O diplomata pediu licença para fumar no terraço.

Apenas saíu perguntei a Madame Lucy: «É Ivan?»

Embaciou-lhe o olhar a nevoa das lagrimas. Morrera o coitadinho, quasi de repente. Adormecera-o a morte sem que elle o sentisse. Desatou a chorar. Pedi-lhe perdão, sem querer reabrir mal cicatrizada ferida. Enxugou Madame Lucy os prantos e o marido voltou d'ahi a pouco a discutir politica, Bismark, Crispi, a triplice alliança, a paz, a questão do desenvolvimento.

Separamo-nos amigos. Sei hoje que Madame Lucy Sourire se enfada n'uma legação longinqua, afastada do seu caro Ivan por milhares de leguas. Possa Deus já haver consolado esse grande coração de mãe, deixado tão vasio pela pequena tumba coberta pelo redolente lençol de esfolhadas rosas...

ESCRAGNOLLE DORIA.

INSTITUTO HISTÓRICO
GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

OUTRORA E AGORA

(A Garcia Redondo.)

*Sonhei-te, erguida na serenidade
completa e grave duma santa esbelta.
Fluctuava na mansa claridade
o ouro da tua cabelleira celta.*

*Tinhas os olhos, muito azues, abertos
num arrôbo de mysticos sonhares,
naquella calma que nos céos desertos
tem a doce brancura dos luares.*

*E eu exclamava, como arrebatado
dum respeitoso amor nas vivas flammis:
¡Da-me a brancura desse olhar sagrado,
que dos teus olhos sideraes derramas!*

*Vejo-te agora em meio desta senda,
pisando os mesmos areaes que eu piso.
Cerca-te o pó da estrada numa venda
e tu sorris num perennial sorriso.*

*E pelos traços do teu rosto, cheios
das expressões duma vaidade fria,
já não se esbatem juvenis receios...
mas o rubro clarão duma alegria.*

*E eu, triste, exclamo, como fulminado
dessa alegria ás rútilas scintillas:
¡Tira-me o fogo desse olhar malvado,
que dos teus olhos infernaes fuzilas!*

AMADEU AMARAL.

S. Paulo, 95.

Escragnolle Doria prepara um livro para breve, *Contos e Pontos*, que, por ser acompanhado de nome tão sympathico no nosso microcosmo litterario, ha de certamente chamar sobre si, do Rio Grande ao Pará, um grande movimento de attenção.

O fecundo escriptor publica hoje um trabalho nesta folha, o segundo com que nos honra, e que fará parte do seu livro.

Recebemos o "Relatorio apresentado ao Conselho Superior da Federação Catholica de S. Paulo pelo presidente do Circulo Nossa Senhora da Consolação, engenheiro Constante Affonso Coelho, em janeiro de 1895."

GRATISSIMOS!

Recebemos do Recife *A Vanguarda* (n. 3,25 de fevereiro) da qual é redactor principal Manoel Arão. E' um quinzenario bem feito e de agradar.

Tambem recebemos a *Revista Illustrada* e o *D. Quixote*, as excellentes folhas cariocas, e a *Miniatura* (n. 4), do Amparo, o jornalzinho mais chique que se publica no interior deste Estado.

O SINBIRO

(EXCERPTO)

Era muito linda, com seus olhos verdes, a Claudina, a moça arisca, filha do Chico Violão, o caboclo madraço, e da Marianna Chibante, mulher afamada em proezas de amor.

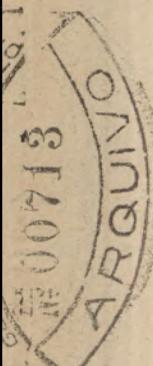
Era muito linda, pois era, sabia-o, e sabia tambem fazer-se rogada; nem um rapaz, por mais galhardo que fosse, podia gabar-se de lhe agradar, e Padre Mauricio, um de figura angelica e olhos cheios de candidez e profundamente religiosos, era o seu amado. Claudina amava nelle o Senhor Jesus Christo, em frente de cuja imagem se extasiava, enquanto lhe escorriam da bocca as orações, como se fosse um mel derramado.

O Senhor Jesus era bello como uma flôr aberta, branco como um sol, e ella rezava por elle á hora das estrellas. Afinal, Mauricio, com seus olhos penserosos e com sua face clara como uma transparencia, chegara para dizer missas no povoado e para casar os noivos e para enterrar os mortos. Installara-se na casita junto á igreja, e, á tarde, Claudina, vendo-o á porta, olhando com doçura o valle fecundo que o sol molhava dos ultimos raios, parou na sua caminhada com os olhos num encanto fixados no perfil christão do padre.

O sol, cahindo, queimava o céo e a sombra ia apagando o incendio, vagamente, desfolhando estrellas pelo espaço. Soaram os sinos na igreja, adormeceu o sol, brilhou a noite e, lentamente, lentamente, uma paixão violenta, uma paixão que mata, veio voando, qual uma aguia possante, daquella melancholia de vesperras, daquella meigo desfilhar de trindades, daquella face de padre vista com doçura, veio voando, revoando, e o coração de Claudina, rica prisão de pedrarias, prendeu aquella paixão . . .

. . . Já era velha a torre dos sinos da casa de Deus e o tempo, passando e repassando numa farandula de annos e annos, tinha-lhe vincado as quatro faces com riscos negros de chuva, dõnde brotava com maciez o musgo, um musgo de um verde molhado e humido.

Na torre habitavam desde muitas éras, éras dos velhos do povoado, um bando de corvos, antigos corvos negros como a meia-noite. Alli elles amavam-se, alli dormiam e alli amanheciam, não mais se admirando do eterno silencio do gallo de ferro do alto da torre, o que a principio os fizera scismar, segundo contavam os velhos. . . Alli perto do céo, do qual ás



vezes partiam á busca, espantados de que re-
cuasse sempre, tinham seus ninhos e para alli
traziam suas presas, grossos pedaços de carne
ou ossos simplesmente, quando, de manhã, acor-
dados pelo toque de Matinas, se abatiam no
povoado, vendo abaixo de si voarem as pri-
meiras fumaças de fogões accesos e, acima, no
céo que clareava, rolarem as Matinas.

Antigamente reproduziam-se e dias havia
que mais um corvo descia da torre. Mas os
patriarchaes habitos dos velhos corvos de pes-
coço engelhado cançaram os novos, que dese-
javam partir, curiosos de vêr que paizes eram
esses de que vinha o vento que esfusiava na
torre, soando no sino. Apesar dos lamentos dos
velhos que, grasnando, diziam que o vento era
sempre assim sob todos os céos, uma noite,
emquanto elles descanzavam, os filhos, de pes-
coço levantado, partiram docemente, fraque-
jando o rumor das azas, e sumiram-se na curva
do horisonte, para sempre, sem nem olharem
talvez a antiga torre em que tinham abando-
nado seus paes, os velhos corvos.

Foi isso por uma noite negra, negra como
uma aza de corvo, e quando o dia claro, claro
como uma aza de pomba, surgiu, e o cantico
religioso das Matinas despertou os corvos, o
sineiro não os viu descer no seu grande vôo,
em uma apothose, de queda; não viu, mas
ouve acima de si um grasnidos que muito se
semelhavam a soluços...

Só não tinham partido os primeiros habi-
tantes da torre, e como já eram fracos e velhos,
não se reproduziam mais; acariciavam-se em
bicadas mansas, olhavam-se uns para os outros,
mas era só isso... Passado tempo, diminuiu
o bando; o mais antigo, um que já não descia
em busca da carniça, morreu á hora de sol a
pino, e quando o sineiro, que já era o idiota
manco, foi tocar o Angelus, ouviu, como já
ouvira ha annos o sineiro morto, os grasnidos
que se semelhavam a soluços...

MANOEL LEQUE.

D'A *Semana* só recebemos uma remessa
de quatro numeros. Artes do correio, com certeza;
a apostar que não é outra cousa!

A *Gazeta de S. Paulo* abriu um concurso
de poesia, com o praso de um mez, offerecendo
como premio valiosas obras.

Começaremos a publicar no proximo nu-
mero uma interessante serie de artigos sobre
o «decadismo», firmada por conhecido homem
de letras.

A MINHA MÃE

*Não sei que suave unção nostalgica resvala
pelo fulgor, ó Mãe, do teu olhar amigo...
(Suave unção divinal que já me foi abrigo...)
E debalde procuro, ancioso, penetral-a!*

*Ha nesse olhar a dor que, placida, me fala
de minha infancia de ouro — o amplo rosal antigo,
onde sorrindo, ó Mãe, aligera, commigo
ias adormecer sob os moutaes em ala.*

*E quando agora o vejo ennevoadado e tristonho,
e extatico e na unção de fervoroso crente,
eu sinto dentro de mim o reviver dum sonho...*

*E só ao teu olhar, ao teu olhar sómente,
é que do Christo aos pés o coração deponho,
na mesma fé de outr'ora, angelica e ridente.*

ANTONIO DE OLIVEIRA.

Das Brumas.

CARTA

Abrimos espaço ás seguintes linhas,
cheias de amiga animação, que nos enviou
um digno cavalheiro, a quem somos intima-
mente agradecidos:

«O apparecimento da *Revista Litteraria*
na arena jornalistica paulista, — tal como ella
se apresenta — é facto digno de encarecimento
e de justissimo jubilo, é motivo de merecidas
felicitações a seus fundadores, cujo discerni-
mento, — seja dito — nada commum á juven-
tude, na concretisação da *idéa*, eu admiro e
louvo com effusão.

Bella na fórma pela nitidez da esme-
rada contextura; bella na essencia, — synthese
translucida que enfeixa a uma vigorosa intel-
lectualidade a pureza e a elevação do caracter
que lhe exorna a *personalidade*, a *Revista*,
deve ser e será recebida gentilmente pela
nossa sociedade culta e sã.

Sel-o-á, talvez, mesmo com entusiasmo
e caricia, a ser bem comprehendida a missão
civilisadora que a inspira.

Desde muito que é sentida entre nós
a ausencia absoluta de um organ de publi-
cidade que se destine á litteratura e ás di-
versões innocuas e quiçá reparadoras do espi-
rito em seus desfallecimentos, — aos vôos da
intelligencia que quer expandir-se, subir e
galgar as alturas do Bello — e á hygiene da
alma que, desalentada e afficta, anceie por
um oasis num meio arido em que são tantos
os caminhos que conduzem á corrupção, a de-
gradação...

E' essa lacuna triste e intoleravel a
que vem preencher a *Revista Litteraria*, e ella

o fará gallhardamente, secundada como vae ser por distinctissimos collaboradores.

Bemvinda seja, pois, a *Revista* e que propicias auras a fortaleçam nas agruras da jornada, — gloriosa, sim, mas tão cheia de abrolhos, são os sinceros votos de

JALP. »

“ MARMORES ”

Quero vê-los em livro, esses, da côr
Dos lyrios pulchros, marmores divinos,
Estrophes d'oiro, versos diamantinos,
Em que se fecha uma alma aberta em flôr!

Para esperal-os, minha musa quer
Desde já se enfeitar. — Quanto desejo
Ouvir cantar, través de um livro, o beijo
Que á Arte enviam labios de mulher!...

De joelhos a min' alma, e o coração
Tambem de joelhos, hei de as portas de ouro
Entrar do templo augusto, e esse thezouro
Fitar de perto, em muda adoração!

Eu quero ouvir em cada estrophe o tom
Da sua voz de moça, altiva e forte,
Que encara a vida como encara a morte,
E traz suspenso á bocca um riso bom!

Venha, pois, o seu livro! Quanto mais
Tardar a vir mais soffrerei, porquanto
Só vivo se ouço a musica de um canto
Em que se arrastem purpuras reaes!...

Santos, Março, 1895.

FREITAS GUIMARÃES.

PROBLEMAS A PREMIO

As decifrações só serão recebidas até quinta feira ao meio dia.

Decifram todas as de Pingapulha, do numero passado (premio — *Un tiro de revolver*, romance) unicamente Til & C., que portanto podem dar suas ordens sobre a entrega do premio.

O primeiro decifrador da de D. Lindinha (premio — *Cartas da Europa*, dr. C. Salles) foi Bisnáo, que é portanto dono do livro.

Decifrações: Amadeu Amaral, Ante-Etna, Carroço, Sandalia e Favorita.

Esta secção passará a ser publicada na capa, onde, para amenisal-a, daremos sempre algo de interessante, a começar do proximo numero.

COCISFRAN.

O dr. Horacio Sabino, ad Typographia Paulista, offereceu-nos dois milheiros de folhinhas de desfolhar mensalmente, para distribuirmos por nossos assignantes, o que faremos com o proximo numero.

Livros novos em Pariz:

Por Henri Allais, *Confessions de Riquet*.

Por Henri Buat, *Le Péché*.

Por Anatole France, *Le Jardin d'Épicure*.

Por Marcel Schwob, *Moll Flanders*, traduzido do inglez de Daniel de Foe.

Por Yann Nibor, *Nos Matelots*, illustrados por Bourgain, Couturier, Deyrolles, Ginos e Kaufmann; prefacio de Jules Claretie, da Academia Franceza.

Por Antoine Albalat, *Le Mal d'écrire et le Roman contemporain*.

Por M.^{me} Abel Ram, *Les petites Sœurs des pauvres*.

Anatole France, o auctor da *Rôtisserie de la Reine Pédauque*, acaba de escrever outro livro que é, como sempre, um verdadeiro encanto — *Le Jardin d'Épicure*. É uma collecção de pensamentos, alguns dos quaes, verdade seja, não são inteiramente novos.

Mas o auctor soube de tal maneira tirar proveito do seu estylo leve e ironico, alcandorado ás vezes, que tornou o seu livro, apezar dos paradoxos, extremamente curioso. O defeito que se pode notar no *Jardin d'Épicure* é a falta de unidade; defeito desculpavel, aliás, em livros d'esse genero.

Francisco Sarcey applaudiu-o.

Le Péché de Henri Buat. Um romance polychromo, variado e complicado, em cujo prefacio o auctor declara que é de grande moralidade.

O marquez d'Ayguière, moço inexperiente, caracter pusillanime, deixa-se amar por uma mulher facil, Marthe Buisson, que, mais tarde, lhe desfaz um casamento vantajoso, que estava proximo a realizar-se.

Viviam, assim, elles dois, na mais amoravel concubinage, quando o marido d'ella os vem apanhar, no melhor da festa, em flagrante delicto de amor criminoso.

O pobre marido blasphema, diz-lhe nomes feios, e mata-se. Cremos que aqui é que está a moralidade do romance. O enredo ainda continúa, mas sem interesse.

Um dos ultimos numeros da *Revue Blanche* traz um artigo de Henri Régnier sobre Paul Adam.

Um verdadeiro contracenso. Affirma que Paul Bourget é um escrevinhador e Zola tambem, « malgré la probité de sa besogne. »

Tiramos d'essa mesma revista a poesia *Sylve*, de Jean Moréas:

« Thétis qui m'as vu naître, ô Méditerranée!
Quinze fois le Taureau nous ramena l'année,
Depuis que, par ton zèle exilé de ton sein,
Ton aimable couleur à mes yeux fut ravie.
Certes, mon âme est forte, et brave est mon dessein,
Et rapide est mon soc dans la trace suivie;
Et jà ma bouche a su entonner l'Aquilon
Avecque l'Euménis, das l'airain d'Apollon,
Car, enfant j'ai mâché, d'une fureur avide,
Le rameau Pénéan, de tes embruns humide.
Mais du fils d'Oilée ou d'Hector la valeur
Un instant elle fault: et parfois mon courage
Toujours la pique au poing! médite la douceur
Que je m'accorde un soir pleurant sur ton rivage,
Ore que, sur tes flots où Diane a versé
La stérile lueur de son flambeau glacé,
La plainte de l'alcyon ne cesse de s'accroître.

JEAN MORÉAS. »

ARQUIVO

PLATÉAS

S. José. — Lyrico.
 Apollo. — Dias Braga.
 Polytheama. — Fechado.

SÃO JOSÉ

Depois que escrevi minha chronica, na ultima quinta feira, assisti no S. José a varios espectaculos: Na quinta feira — a *Forza del Destino* e o *Escandalo*, nova opera buffa de M.^{mo} Bourmann e libretto do poeta De Mattia; sabbado — *A Favorita*; domingo, não fui ao *Rigoletto*; terça o — *Guarany*, de C. Gomes e o *Assassinato*, poema lyrico do maestro Provesi e libretto de N. N.; hoje — *Ballo in maschera*...

Da representação das quatro primeiras operas (inclusive o *Escandalo* de M.^{mo} Bourmann) todos os meus collegas da imprensa têm-se occupado e mais ou menos externaram com justiça suas opiniões sobre o desempenho e execução dessas peças.

A representação do *Guarany* é a unica que merece as honras da critica da *Revista*: a causa dessa preferencia é justa.

Operas nacionaes merecem critica jacobina... Assim, estando a partitura, cantada terça feira, no numero das peças produzidas por genio brasileiro, armo-me de minha caneta (que hoje é tão grossa como um bastão) e aqui começo a dizer qual a interpretação dada pela Companhia De Mattia ao bellissimo trabalho do maestro campineiro.

A snra. Bourmann (que após o escandalo de que foi protogonista na *Forza del Destino*, sahiu da companhia e a ella voltou por... espirito de colleguismo) fez com agrado geral o papel de *Cecy*, merecendo os meus applausos na *ballata* do segundo acto.

O tenor Elias, não tendo uma voz como requer a opera de C. Gomes, deu entretanto boa interpretação ao bello typo de *Pery*. O publico *bisou* com razão o duetto com *Cecy* — *Sento una forza indomita*.

O Checchini, *barytono mettido a baixo*, andou como um artista consciencioso no terrivel cacique dos Aymorés.

Não cantou de todo mal a *canção do aventureiro*, o artista que se incumbiu de fazer o antipathico Gonzales.

D. Antonio de Mariz e D. Alvaro, não obstante terem nomes portuguezes, estiveram como dous verdadeiros selvagens...

Os córos, os pobresinhos dos córos, esforçaram-se e não fizeram má figura.

A ORCHESTRA comprometteu o quanto pôde a representação. A banda de musica *brilhou* no 3.^o acto. (O meu amigo Cesar Ribeiro não quiz aconselhar aos musicos, como fez ao maestro Provesi, que tomassem ovos e vinho do Porto...)

Emfim o *Guarany* agradou e... desagradou: foi bem regular a interpretação dada pelos cantores e a execução pela orchestra foi um *assassinato*, do qual é unico culpado o snr. Provesi.

— Garantem-me que, não fôra o *Commercio de S. Paulo* haver desancado o empresario De Mattia, a Companhia lyrica já teria estréado no Rio, e talvez alguns de seus artistas já tivessem feito *visitas* aos seus collegas moradores no *S. Francisco de Paula*.

Cá me estou curvando diante do pansudo Cesar, agradecendo-lhe as expressões de seu justo odio contra o empresario explorador.

APOLLO

Amanhan, em trem especial, chega a esta cidade a *troupe* Dias Braga, que, como todo o mundo sabe, é um conjuncto de artistas que sabem onde têm o nariz. (O Méco de Campos, que está acompanhando o que escrevo, acaba de gritar-me: «salvo seja!»)

POLYTHEAMA

O Frank Brown brevemente virá a S. Paulo, e o Sebastião Pontes já me avisou de que vamos ter uma companhia equestre de *primo cartello*... com muitas mulheres bonitas.

(*Seu Guerra!* Fica para o outro numero a historia do Maximo. Ha falta de espaço e eu não lhe quero contar mentiras...)

XXI-III-XCV.

LUDOVICUS.

EXPEDIENTE

São considerados assignantes todos os que não nos devolveram até agora o jornal, tendo-o recebido.

Está encarregado de varios negocios relativos á parte administrativa d'esta folha o snr. Alfredo Carneiro, moço diligente e merecedor de toda a confiança.

O snr. Juvenal Amaral, um dos proprietarios da Agencia Jornalística, á rua de S. Bento, tambem está encarregado de negocios relativos á propaganda desta folha.

Compram-se exemplares dos nrs. 1 e 2 desta folha.

ASSIGNATURAS

O preço das assignaturas, para qualquer parte, é o seguinte:

Serie de 23 numeros	7\$000
Serie de 47 numeros	13\$000

Prestam-se gentilmente a representar esta folha distinctos cavalheiros, com os quaes se poderá tratar tudo o que com ella se relacione, nos seguinte logares.

S. PAULO

SANTOS.—Alferes João Corrêa de Moraes Junior.
 RIO CLARO.—Major José David Teixeira.
 ITATIBA.—João de Moraes Luz.
 ITÚ.—Theophilo de Arruda.
 SOROCABA.—Antonio de Oliveira.
 S. CARLOS DO PINHAL.—Agenor Pacheco.
 AMPARO.—Alferes Gustavo Pacheco.
 JUNDIAHY.—Major Carolino B. de Araripe Sucupira.
 DESCALVADO.—Dr. Virgilio Caldas.
 MOGY-MIRIM.—Dario Anhaia.
 JACAREHY.—Dr. Lamartine Delamare Nog.^a da Gama.
 RIBEIRÃO PRETO.—Dr. Ildefonso Pereira de Azevedo.
 IGUAPE.—Tenente Octaviano Carneiro.
 DOUS CORREGOS.—João Sabino Franco.
 CAMPINAS. Pedro José Gonçalves.
 PARNAHYBA.—Vicente Ferreira Nunes.

CAPITAL FEDERAL

H. Lombaerts & Comp., rua dos Ourives.
 PARANÁ
 CURITYBA.—Dr. Joaquim Miró.
 MINAS GERAES
 OURO PRETO.—Joaquim Marra.
 MARANHÃO
 S. LUIZ.—Dr. Herculano Nina Parga.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua Libero Badaró, 71-73.

Impresso na Typographia Industrial de S. Paulo
 Editora: Typographia Paulista.



Muniz de Souza

Advogado

Largo da Sé n. 7

Dr. Carlos Carneiro de Barros e Azevedo

Advogado

Escritorio e residencia: - Rua da Boa Vista, n. 31

Carimbos

Fabrica na rua Libero Badaró, 71 e 73.

Typ. PAULISTA

Carimbos



Carimbos

Preços modicos

BRUMAS

Versos de Antonio de Oliveira

Já se acham á venda nesta cidade

Bicyclettes Clément

DEPOSITO OFFICIAL NA

CASA LEVY

33 — RUA 15 DE NOVEMBRO — 33

**Almanach Historico-Litterario de S. Paulo***A correspondencia deve ser dirigida até Junho a***OSCAR MONTEIRO**

3, Travessa Senador Queiroz, 3

Julio Cesar da Silva

E

Miguel Luso da Silva

ADVOGADOS

54, Rua de São Bento, 54

Typographia e Papelaria

**INDUSTRIAL DE S. PAULO**

(O Livro Verde)

Escritorio central: Rua Direita N. 14

Fabrica de livros em branco

Pautação e encadernação

Artigos para escritorio

"New York Life Insurance Company"

Departamento Hispano-Americano

Companhia de Seguros de vida e Monte-pio
dos Estados Unidos

ESTABELECIDADA EM 1845

Escritorio Central do Brazil: Rua do Hospicio, 31 - Rio de Janeiro

Succursal do Estado de S. Paulo:

Gerente-Geo. J. Mahieu

ESCRITORIO:

34, RUA 15 DE NOVEMBRO, 34

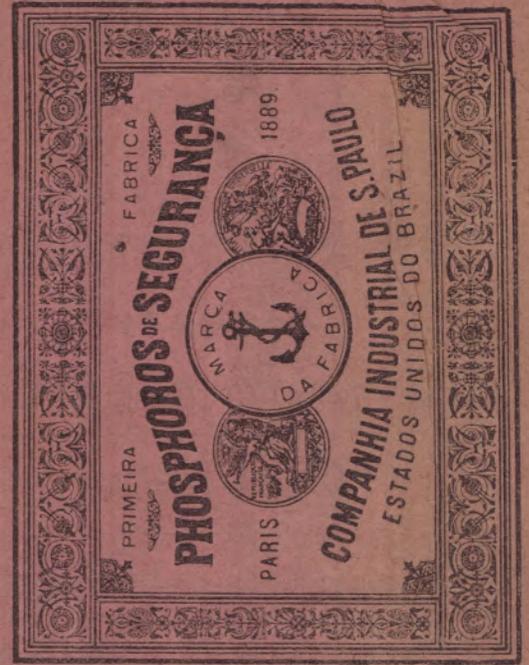
Direcção telegraphica: NYLIC, S. Paulo

Caixa Postal, 107



Vinhos
ESPECIAES da
VINICOLA CONFIANÇA
PACHECO IRMÃOS
PORTO

DEPOSITO EXCLUSIVO
EM S. PAULO
17 - Rua da Boa Vista - 17



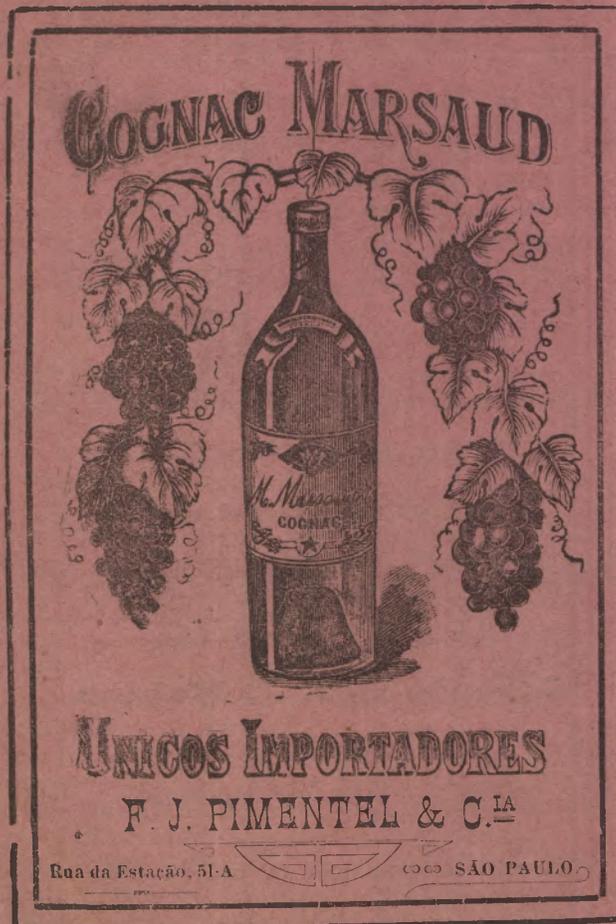
PRIMEIRA FABRICA
PHOSPHOROS DE SEGURANÇA
MARCA DA FABRICA
1889
PARIS
COMPANHIA INDUSTRIAL DE S. PAULO
ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Dr. Honorio Libero

Médico e Parteiro

Consultas das 9 ás 11 da manhã

Rua de S. Bento, 18



COGNAC MARSAUD

UNICOS IMPORTADORES
F. J. PIMENTEL & C.ª

Rua da Estação, 51-A SÃO PAULO

Etie Ducoux

MASSEUR

Aplicações de massagens sob
indicação medica.

REGADOS Á PHARMACIA ANDRADE

Rua de S. Bento, 10 A

Pierre Labourdene

Ste. Julia

Especialista em hernias e bocios

CURAS GARANTIDAS

Rua de S. Bento, 10 A

Da 1 § 3 da tarde